



História Ambiental dos Imigrantes Italianos e seus Descendentes na Região de Colonização Italiana no Vale do Taquari/RS¹

Janaine Trombini ²
Luís Fernando da Silva Laroque ³

RESUMO

Os imigrantes italianos que chegaram a partir das últimas décadas do século XIX no Rio Grande do Sul e no Vale do Taquari são provenientes do norte da Itália e foram instalados na porção territorial entre os vales do Rio Caí e das Antas. O Vale do Taquari é uma região composta por 36 municípios, dividida em seis microrregiões e situada na porção centro-leste do Rio Grande do Sul. O objetivo deste trabalho é analisar a história ambiental dos imigrantes italianos e seus descendentes na região de colonização italiana no Vale do Taquari. A metodologia da pesquisa é qualitativa e os procedimentos metodológicos consistiram na revisão bibliográfica, pesquisa documental e de campo com famílias de descendência italiana. Os dados levantados e analisados demonstraram que a história ambiental deste grupo étnico acarretou impactos ao ambiente por meio da derrubada e queima da mata, diminuição de espécies animais e pela rotação dos cultivos.

Palavras-Chave: História Ambiental; Descendentes de Italianos; Vale do Taquari.

¹ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no Simpósio Temática História Ambiental do VIII Simpósio Nacional de Ciência e Meio Ambiente, outubro de 2017, na UniEVANGÉLICA, Anápolis/Goiás. O estudo insere-se no Projeto de Pesquisa “Identidades étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas/RS: história, movimentações e desdobramentos socioambientais” do PPG em Ambiente e Desenvolvimento e conta com auxílios financeiro da Universidade do Vale do Taquari - Univates e da Fapergs.

² Doutorado em andamento em Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari, UNIVATES, Brasil. Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari, UNIVATES, Brasil. janainet@universo.univates.br

³ Doutorado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil. Professor na Universidade do Vale do Taquari, UNIVATES, Brasil. lflaroque@univates.br

O trabalho aborda as relações dos imigrantes italianos e seus descendentes com o meio ambiente em municípios de colonização italiana localizados na porção norte do Vale do Taquari, Estado do Rio Grande do Sul. Os imigrantes italianos que chegaram a partir do século XIX na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, bem como no Vale do Taquari, tinham a visão que o território, a floresta e os animais tratavam-se de recursos inesgotáveis, portanto não careciam de maior preocupação (Manfroi 2001). Entretanto, no decorrer do processo histórico e das questões ambientais, observa-se que há aspectos que se atualizaram neste sentido, porém outros se mantiveram no que diz respeito à utilização do solo para plantações, à produção agropecuária e suas práticas culturais.

O contexto imigratório italiano europeu está relacionado às transformações sociais, políticas e econômicas decorrentes ao mundo capitalista que fizeram com que muitos italianos se movimentassem em direção ao Brasil nas últimas décadas do século XIX. Estes imigrantes eram oriundos de regiões do norte da Itália como Vêneto, Trentino e Lombardia. Durante a segunda metade do século XIX a imigração foi caracterizada pela migração contínua e crescente das massas trabalhadoras da Europa para o continente Americano (Franzina 2006). No Brasil, os lotes de terras destinados aos imigrantes italianos na região sul localizavam-se em áreas de planalto, região predominantemente coberta de mato onde se desenvolveu uma economia de subsistência (Trento 1988).

Os imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul mais precisamente de meados da década de setenta do século XIX até início do século XX com a proposta de trabalhar na agricultura e a promessa de um bom emprego. Durante o processo imigratório os italianos mantiveram seu contato com a natureza, produzindo cultivos por meio de práticas oriundas do reino da Itália de onde eram provenientes e cuja característica da colonização foi marcada pelo regime familiar com trabalho livre, pela pequena propriedade e a prática da policultura (Giron & Herédia 2007).

No Brasil do século XIX, bem como na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o projeto envolvendo a colonização recorria a Companhias Públicas e Particulares no que se refere à distribuição ou comercialização de terras. Portanto, até a metade do século XIX as terras eram estabelecidas pelo governo para a instalação de estrangeiros para aumentar a lavoura e a população (Iotti 2001). Os italianos chegaram após 1870 em áreas da porção nordeste do território do Rio Grande do Sul, caracterizadas pela rica biodiversidade onde recebiam auxílio governamental, como alimentação, sementes e instrumentos agrícolas para posteriormente serem pagos junto com as terras adquiridas (Giron & Herédia 2007).

As terras destinadas à colonização italiana no Rio Grande do Sul situavam-se na encosta superior da serra, entre o Rio das Antas e as colônias alemãs localizadas na porção sul do Rio Taquari e da Bacia do Caí. Neste espaço criaram-se três núcleos de colonização italiana: Caxias, Dona Isabel e Conde D'Eu. Essas áreas territoriais foram divididas em linhas ou travessões e os lotes coloniais numerados, não respeitando acidentes geográficos, a não serem os de relevo mais acentuados, tais como o rio das Antas e os seus afluentes (Frosi & Mioranza 1975).

Com a chegada dos imigrantes italianos, uma série de alterações começa a ocorrer no meio ambiente. Vale salientar que os imigrantes italianos quando chegaram ao Rio Grande do Sul desmataram as áreas onde se estabeleceram para construção de casas e iniciar plantações, utilizando-se de instrumentos como serrotes e machados. Paralelamente o governo concedia ferramentas e outros objetos como facão, machadinho, machado, serrote, cunha, enxadas e foices e forneceu por um ano alimentos e sementes como foi o caso do milho e feijão (Battistel & Costa 1983).

Mesmo que no final do século XIX grandes florestas já não existissem mais na península itálica, muitos imigrantes italianos que estavam em territórios de colonização utilizaram técnicas de exploração madeireira, as quais foram difundidas e culminaram, posteriormente no desenvolvimento de indústrias do setor moveleiro no Rio Grande do Sul (Bublitz 2004). Nesta mesma linha, Bublitz (2010) também enfatiza que a grande biodiversidade encontrada nas florestas foi destruída para utilização da madeira em construção de casas, móveis e utensílios.

A agricultura, o comércio e a indústria, especialmente a vinicultura e serrarias, devem ser entendidos para além de seu viés econômico como fatores de modelagem da paisagem provincial o Rio Grande do Sul. A escolha pelas lavouras de trigo e pelas videiras não se deu por acaso, isto é, tratou-se, inclusive, de uma conotação religiosa da paisagem local, pois são alimentos essenciais às cerimônias religiosas cristãs (Bublitz 2004).

As práticas envolvendo o sistema de cultivo nas colônias italianas era o da derrubada e queimada da mata, adotando-se depois o rodízio da plantação de tal modo que uma parte do solo da propriedade sempre descansasse, recobrando-se de capoeira que, posteriormente, seria cortada e queimada (Herédia 2001). Essa técnica correspondia com férteis colheitas e vários produtos característicos da imigração italiana como trigo, vinho e milho (De Boni & Costa 1982).

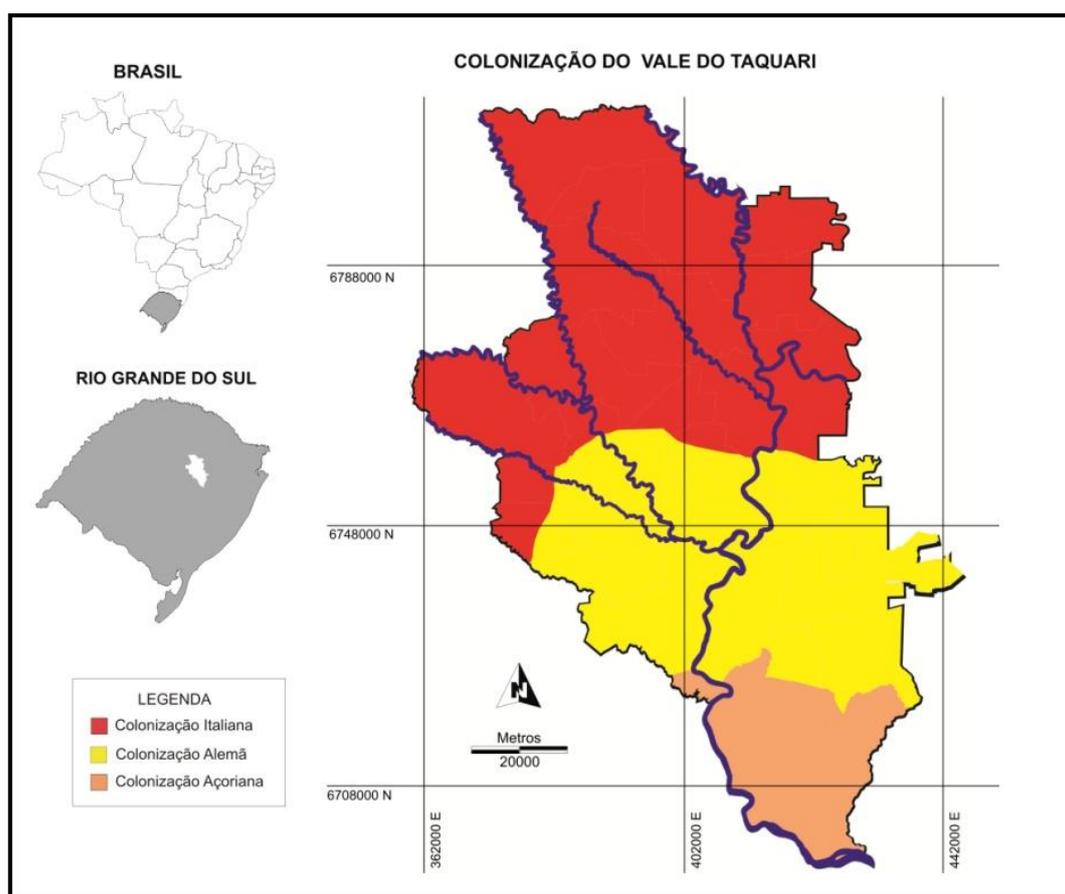
Na última década do século XIX, teve início a colonização italiana no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, completando o processo de construção étnico-cultural da região, com formação bastante diversificada. Esta região que tradicionalmente tratava-se de território indígena passou a ser

Janaine Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

colonizada por portugueses que trouxeram os negros escravizados, seguiram-se os açorianos, os imigrantes alemães e posteriormente chegaram os imigrantes italianos (Trombini 2016).

As terras destinadas à ocupação dos imigrantes italianos estão localizadas na porção mais ao norte do território Vale do Taquari, principalmente nas encostas e “região alta” (Manfroi 2001). Portanto, é em parte deste espaço, conforme mapa (Figura 1), que se localizam alguns dos municípios selecionados para o presente estudo. Do ponto de vista geomorfológico entrecortando os territórios apontam-se os rios Guaporé, Jacarezinho, Fão e Forqueta, os quais são afluentes da Bacia Taquari-Antas.

Figura 1. Mapa da Colonização do Vale do Taquari/Rio Grande do Sul.



Fonte: Trombini & Kreutz (2015a)

O conhecimento a partir do Rio Taquari proporcionou a chegada dos imigrantes açorianos, alemães e italianos e a exploração de áreas próximas a este acidente geográfico, pois era considerada uma área denominada “quase habitada”. Isto porque os povos indígenas da região, como os Guarani e os Kaingang, mencionados anteriormente, não eram considerados como os tradicionais ocupantes do território. Adentrando esta área em questão, os imigrantes italianos e seus descendentes estabeleceram-

se em terras cobertas de floresta considerada “virgem”, muitas das quais estão em áreas de jurisdição de municípios atuais como Arvorezinha, Anta Gorda, Ilópolis, Nova Bréscia, Putinga, Relvado e Doutor Ricardo (Karam 1992). Mesmo apresentando dificuldade de ocupação pelos imigrantes italianos, obviamente que não se tratava de locais de florestas “virgens”, tendo em vista terem sido resultados de modificações geológicas por ação da própria natureza e da presença humana tanto durante como no período de pré-contato com o elemento europeu, portanto estavam longe de serem matos “intocados”.

No entanto, as primeiras relações dos imigrantes italianos e seus descendentes com o ambiente na região de colonização italiana no Vale do Taquari estão relacionados às práticas de exploração madeireira (Karam 1992; Bozzetto 2004), erva-mate (*Ilex paraguariensis*) (Gerhardt 2013) e a produção da agropecuária, como o feijão, milho e de animais como porcos. Também há registros de que muitas espécies faunísticas como bugios (*Alouatta caraya*), gato de matos (*Leopardus tigrinus*), quati (*Nasua*) e o porco do mato (*Pecari tajacu*) representavam medo, e outros como formiga (*Formicidae*), lagartas (*Spodoptera frugiperda*) e os gafanhotos (*Caelifera*) eram considerados “pragas”, pois atacavam os cultivos.

Neste sentido, torna-se relevante analisar a história ambiental na região do Vale do Taquari, baseando-se no estudo do norte-americano Donald Worster (1991), que apresenta os três níveis atuantes da história ambiental: a organização e funcionamento da natureza propriamente dita; o domínio socioeconômico e interações com o ambiente e as representações sociais com o mundo natural. A partir destes três níveis de análise apresentados, Pádua (2010) defende que a história ambiental consiste em uma abordagem historiográfica que estuda a relação do homem com o ambiente, isto é, o estudo das interações entre o sistema social e o sistema natural. Frente a isso, outros estudos da história ambiental como Drummond (1991), Dean (1996) e Crosby (2011) abordam a relação entre homem e meio ambiente possibilitando a reflexão das consequências e impactos gerados por uma determinada sociedade no passar dos anos, impactos estes como o desmatamento e a poluição, ocasionados pelas atividades humanas.

Com base no cenário apresentado, percebe-se que os imigrantes italianos e seus descendentes, desde que se estabeleceram no Rio Grande do Sul e posteriormente no Vale do Taquari, construíram relações de exploração econômica para com o meio ambiente e passaram a produzir nas áreas em que se instalaram determinados tipos de agricultura e pecuária, bem como projetaram sobre este ambiente a bagagem cultural que trouxeram. Deste modo, considerando o contexto da imigração italiana e seus descendentes no Rio Grande do Sul e mais precisamente no Vale do Taquari, justifica-se a relevância

desta investigação na contribuição de informações pouco estudadas acerca da história ambiental deste grupo étnico na região do Vale do Taquari.

Nesta linha de análise tem-se a monografia intitulada “Imigrantes Italianos e seus descendentes nas Microrregiões Norte e Leste do Vale do Taquari/RS e suas relações com a história ambiental” de Ana Paula Castoldi (2016) e a dissertação “Imigrantes Italianos e seus descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari: história ambiental e práticas culturais” de Janaíne Trombini (2016). Portanto, destaca-se a pesquisa que está sendo desenvolvida como o primeiro trabalho em nível de doutorado sobre a história ambiental envolvendo os descendentes de italianos no Vale do Taquari.

MÉTODO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia enquadra-se em uma pesquisa de cunho qualitativo, pois como trata Neves (1996), a pesquisa qualitativa tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social. Por isso, os dados para o estudo contemplaram referências bibliográficas de autores sobre a história e colonização italiana para o Brasil, bem como os primeiros contatos dos italianos no Rio Grande do Sul e no Vale do Taquari com o ambiente. Também segundo o estudo de Pádua (2010), a pesquisa qualitativa dentro da história ambiental tem a possibilidade de debater questões ambientais e ampliar a perspectiva histórica como a importância de estudar as transformações do ambiente ocasionadas pelo homem, relação que se vincula com os imigrantes italianos e seus descendentes desde a chegada na região do Vale do Taquari.

A pesquisa bibliográfica e documental, conforme Lakatos e Marconi (1996, p. 182), “abrange toda bibliografia já tomada pública em relação ao tema. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”. Neste sentido, também foi realizada pesquisa em arquivos históricos do Rio Grande do Sul e do Vale do Taquari analisando documentos que tratam sobre a imigração italiana. A pesquisa bibliográfica e documental sobre os italianos priorizou informações sobre a história, cultura e manejos ambientais envolvendo os imigrantes italianos e seus descendentes. Somado a isto ainda se recorreu às fontes iconográficas, tais como fotografias e mapas que ilustram a presença italiana e dos seus descendentes no Rio Grande do Sul e no Vale do Taquari e suas relações com o meio ambiente.

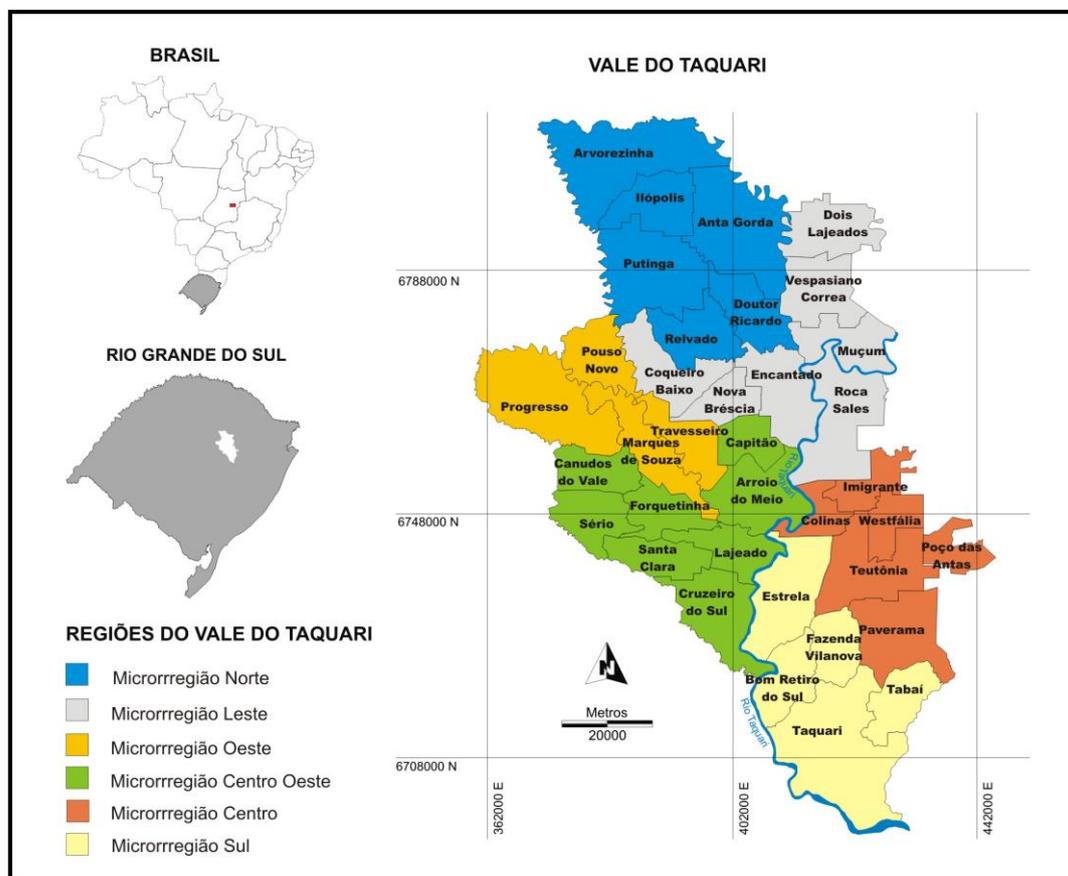
O método utilizado foi o qualitativo, onde se recorreu a um roteiro para entrevistas com questões semiestruturadas e a observação dos participantes pelos pesquisadores. Conforme Godoy (1995), a obtenção de dados descritivos envolve assuntos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos

Janaine Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. Neste sentido o levantamento de dados deu-se por meio da pesquisa de campo nas propriedades dos descendentes de imigrantes italianos no Vale Taquari.

A Região Vale do Taquari, do ponto de vista político e administrativo, localiza-se na porção territorial centro leste do Rio Grande do Sul, estando formada por 36 municípios, que totalizam uma área de 4.821,1 Km². Este vale encontra-se dividido em seis microrregiões – Norte, Sul, Leste, Oeste, Centro e Centro-Oeste - as quais apresentam especificidades econômicas e socioculturais, existindo desde propriedades rurais voltadas ao setor primário até áreas urbanizadas e industrializadas. A área de colonização italiana no Vale do Taquari abarca mais precisamente a porção norte do território, compreendendo na atualidade as microrregiões Norte, Leste e Oeste – que estão compostas pelos municípios de Arvorezinha, Ilópolis, Doutor Ricardo, Putinga, Relvado, Encantado, Anta Gorda, Vespasiano Corrêa, Dois Lajeados, Muçum, Roca Sales, Nova Bréscia, Coqueiro Baixo, Progresso, Pouso Novo, Travesseiro e Marques de Souza, conforme mapa (Figura 2).

Figura 2. Mapa das Microrregiões do Vale do Taquari.



Fonte: Trombini e Kreutz (2015b).

Relacionando com o território apresentado, a história ambiental possui características que se interligam em vários aspectos. Uma delas é relacionada ao recorte espacial de uma determinada categoria geográfica, no caso em análise de uma região para realização da pesquisa, categoria esta que vem ao encontro da proposição de Drummond (1991), tendo em vista a possibilidade de a região ser analisada com alguma homogeneidade ou identidade natural, considerando seus elementos naturais. Delimitado um território faz-se necessário conhecer aspectos relacionados à cultura, política, história e às dinâmicas sociais. Assim, associa-se à história ambiental dos imigrantes italianos e seus descendentes na região de colonização do Vale do Taquari, pois os territórios analisados demonstraram possuir uma ligação com a história natural devido aos processos sociais e às relações que mantiveram com o ambiente.

A amostra para pesquisa constitui-se de sete produtores rurais descendentes de italianos do Vale do Taquari. Com quatro deles, identificados como E1, E2, E3 e E4, realizaram-se entrevistas e com três produtores rurais denominados de DC1, DC2 e DC3 elaboraram-se diários de campo. Nas entrevistas o procedimento metodológico utilizado foi a história oral tendo em vista a busca e o registro da memória de pessoas com articulação aos momentos vividos e que se dispuseram a compartilhar suas vivências. Conforme o estudo de Pollak (1992), a memória é seletiva e herdada com articulação aos momentos vividos. A história oral é de suma importância e traz novas possibilidades ao pesquisador no sentido de (re) produzir uma história no tempo presente. Portelli (2010) reforça que essa metodologia pode ser entendida como uma narração dialógica que tem o passado como assunto e que gera um encontro de um sujeito, o narrador, e de outro sujeito, o pesquisador, a qual pode ser mediada com um bloco de anotações e um gravador. Outra forma dentro da esfera ambiental defendida por Drummond (1991) é que a fonte da história oral pode aprimorar na construção da história ambiental no sentido das contribuições entre sociedade e ambiente, as quais refere-se na potencialidade da aproximação entre as ciências naturais e outras áreas.

Durante a pesquisa envolvendo saídas de campo em propriedades rurais dos descendentes de imigrantes italianos que atuam com agropecuária, por meio da observação direta e conforme mencionado, também foram elaborados os diários de campo. Segundo Godoy (1995, p. 58), “as expressões ‘pesquisa de campo’ e ‘pesquisa naturalística’ podem ser vistas como sinônimos de ‘pesquisa qualitativa’”. Neste sentido, tanto as entrevistas como os diários de campo, por meio dos relatos, foram instrumentos que possibilitaram o levantamento de informações com vistas a compreender, somados ao levantamento bibliográfico e análise documental, como foram as vivências dos descendentes de italianos no Vale do Taquari. Referindo-se a esta questão, a história do participante em si pode

aprimorar os dados contando passagens de sua vida. Para Worster (1991, p.199-200) a história ambiental procura “aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através do tempo afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados”. Nas palavras deste autor, relacionamos essa investigação da história ambiental ao Vale do Taquari, pois muitas mudanças e impactos, como o desmatamento e poluição dos rios surgiram por estes imigrantes, pois não existiam leis e preocupações maiores com o meio ambiente.

As saídas de campo foram agendadas conforme a disponibilidade dos produtores descendentes de italianos, respeitando sua rotina, para que eles se sentissem à vontade durante a pesquisa. A aproximação com os produtores rurais pesquisados deu-se pela disponibilidade em contribuir para o trabalho e por conhecê-los por meio da rede familiar, de amigos e pelas buscas realizadas em prefeituras municipais.

As saídas de campo foram compostas de três momentos: o primeiro deles para conhecer a família, a propriedade, explicar a pesquisa, registrar imagens fotográficas; as observações e percepções obtidas são registradas em diário de campo. Os diários de campo contêm informações sobre o que se observou nas propriedades e os relatos de conversa com as famílias pesquisadas.

Na segunda saída de campo às famílias dos produtores rurais descendentes de italianos utilizou-se um roteiro de questões semiestruturadas para a entrevista que é gravada com os interlocutores descendentes de imigrantes italianos nos municípios pesquisados. Juntamente com roteiro de questões semiestruturadas que é deixado com os produtores rurais desde a primeira saída temos ainda o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), que é assinado. Em uma entrevista de história oral, conforme Alberti (2004), existe uma vivacidade, um tom especial e é relatada a experiência de um sujeito em que sua narrativa acaba dando mais ênfase com seus relatos pessoais, emoções, observações, revivendo o passado. A entrevista é como um filme com cortes, edições, mudanças de cenário, que juntos revela pedaços do passado, um sentido que a sensação parece estar presente.

E por último realizou-se uma terceira saída de campo na qual se devolve cópia gravada da entrevista e das fotografias registradas. Vale salientar que as entrevista, diários de campos e demais dados levantados inserem-se no Projeto de Pesquisa “Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas: história, movimentações e desdobramentos socioambientais” vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente de Desenvolvimento da Univates/RS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Donald Worster (1991) destaca que a história ambiental e a preocupação com o meio ambiente foram pensadas tardiamente e somente discutidas no final da década de 1960 através de conferências sobre crise global e movimentos ambientalistas. Também enfatiza a importância do historiador ambiental pensando no papel da natureza na moldagem de produção e que impactos esses métodos tiveram ambientalmente. Na mesma linha de análise, Pádua (2010) analisa a história ambiental como uma ciência dentro do contexto histórico e cultural, sobretudo durante o século XX e início do século XXI, sendo uma investigação aberta e não reducionista das interações entre sistemas sociais e naturais ao longo do tempo.

Com base nestas informações analisou-se neste artigo as relações dos italianos e seus descendentes na região de colonização no Vale do Taquari/RS com o ambiente. Para tanto, essas relações com a natureza acarretaram uma série de degradações em relação à terra, rios, fauna e flora, impactos que somente passam a serem revistos e problematizados na segunda metade do século XX, visto que os imigrantes italianos chegaram no século XIX. Desde a chegada e início da colonização selecionaram-se alguns aspectos que serão apresentados a seguir.

A região mais alta do Vale do Taquari apresenta-se com altitudes em torno de 750m e extensos bosques da floresta Ombrófila Mista, com predominância de araucária (*Araucaria angustifolia*) e uma grande biodiversidade. O ambiente também é caracterizado historicamente por áreas ocupadas pelas populações Tupi-Guarani e Jê Meridionais, como é o caso dos indígenas Guarani históricos e bem como dos Kaingang históricos e recentes (Wolf 2016). Semelhante à região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, a ocupação italiana no Vale do Taquari também se estendeu por áreas caracterizadas por serra e de difícil acesso. A fertilidade do solo da região foi um dos motivos que levou os colonos a se tornarem proprietários das terras, com o objetivo de desenvolver a agricultura (Manfroi 2001).

No final do século XIX os imigrantes italianos e seus descendentes oriundos das antigas colônias situadas na região noroeste da província de São Pedro do Rio Grande do Sul chegaram à porção mais ao norte e alta do Vale do Taquari. A intermediação deste processo ocorreu por meio de Companhias Colonizadoras, responsáveis por administrar a compra e a venda dos lotes territoriais na região e direcionar a população na atual região do Vale do Taquari. As principais companhias colonizadoras que comercializavam terras no Vale do Taquari aos imigrantes italianos e seus descendentes eram: Tchener, Cia Colonizadora Rio-Grandense e Cia e Bastos (Trombini et al. 2017).

Durante os primeiros anos de colonização no Vale do Taquari os imigrantes encontraram um mundo diferente da Europa. A terra, flora e fauna, os cultivos, as técnicas agrícolas e os hábitos do

Janaine Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

cotidiano eram bastante distintos da realidade de onde vinham. Assim, estes imigrantes se adaptaram ao meio onde foram inseridos e tiveram contato com o meio ambiente, que além de trazer a sua cultura assimilaram diversos aspectos locais (Kreutz et al. 2011). Tratando-se da questão ambiental, Crosby (2011) afirma que o ser humano pode incendiar florestas e constantemente alterar a brota de um determinado território para sempre. Segundo o autor, o meio ambiente sofre interação direta do homem, o que significa uma condição de contínua perturbação e ruptura: de campos arados, florestas devastadas, pradarias queimadas, vilarejos abandonados e cidades em expansão. Destarte, o ambiente e seus elementos – seres humanos, animais, plantas e microorganismos, são colocados em íntimo contato.

Conforme o estudo de Frosi e Mioranza (1975), a partir de 1892 ocorre o terceiro ciclo de imigração para o nordeste do Rio Grande do Sul e o início das migrações internas no referido estado para outras áreas. Conforme o Quadro 1, pode-se observar o surgimento de novas colônias a partir deste ciclo de imigração.

Quadro 1. Ciclo de migração e surgimento de colônias.

DENOMINAÇÃO	COLÔNIA	MUNICÍPIOS ATUAIS
Nova Colônia	Guaporé (1892 – 1900)	Guaporé Muçum Serafina Corrêa Casca Marau Paráí Nova Araça Ciriaco David Canabarro
Nova Colônia	Encantado (1882 – 1900)	Encantado Nova Bréscia Putinga Anta Gorda Ilópolis Arvorezinha
Novíssima Colônia	Expansões das diversas colônias anteriores	Paráí Nova Araça Ciriaco David Canabarro Marau Putinga Anta Gorda Ilópolis Arvorezinha

Fonte: Frosi e Mioranza (1975, p. 54).

Observando o quadro anterior fica evidenciada a expansão e distribuição dos movimentos de imigração e conseqüentemente da migração interna dos imigrantes italianos e seus descendentes para outros territórios, inclusive no Vale do Taquari. Destacam-se, assim, na última coluna do quadro, os

Janaine Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

municípios que hoje estão localizados no Vale do Taquari e seus desmembramentos das colônias antigas como, por exemplo, Guaporé e Encantado. A nova colônia de Encantado tem sua expansão em direção ao norte do Vale do Taquari, ocupando áreas dos atuais municípios de Nova Bréscia, Putinga, Anta Gorda, Ilópolis e Arvorezinha.

Esta mesma colônia, Encantado, foi fundada em 1878, mas as primeiras famílias começaram a chegar somente alguns anos depois. Situada na margem direita do Rio Taquari e próxima à localidade de Muçum, seus lotes compunham terras férteis e um clima mais quente do que as antigas colônias. Seus colonizadores somam em torno de quatro mil pessoas oriundas das colônias de Conde D'eu, Dona Isabel e Caxias, que buscavam novas terras para colonizar (Giron & Herédia 2007).

Ainda sobre áreas que se encontram em jurisdição da Colônia de Encantado, tem-se alguns dados sobre o município de Nova Bréscia, também pertencente ao Vale do Taquari, e dos primeiros imigrantes italianos, provenientes de migração interna da própria Colônia Encantado. Após feita a demarcação, cada família se dirigia para o terreno e começavam os primeiros trabalhos: limpeza do mato, a construção da casa com madeira serrada à mão e a abertura de estradas com utilização de foice, facho, picareta e pá. Os imigrantes italianos que chegaram à Nova Bréscia eram atraídos pelo baixo preço das terras, localizadas em região montanhosa, onde atualmente temos a Linha Tigrinho, marco da colonização do município de Nova Bréscia (Cristófoli 2015).

Sobre o município de Nova Bréscia tem-se informações referentes sobre o desmatamento no relato do descendente de italiano:

J – Ah como era assim o manuseio da terra, vocês desmatavam, queimavam, como é que?

J1 – Depois plantavam?

J – Pra poder planta?

DM – Tudo queimado.

J1 – Primeiro vocês desmatavam, depois queimavam?

DM – E, amontoava ainda as torradas mais grossa que ficava tudo, que ficava bastante, né? Não dava pra planta, então amontoava e queimava de novo. Duas vezes queimava, duas vezes.

J – Pra poder planta?

DM – Pra poder planta.

J1 – E, hoje em dia já não dá pra fazer...

DM – É, é sim. E, todos os anos nós derrubava um pedaço de mato. Todos os anos.

J1 – E, deixava a terra descansar?

DM – É, deixava aquela mais magra porque não existia adubo e coisa assim, então deixava descansar, mas todos os anos se plantava porque a colheita principal que era o feijão, o feijão, não existia adubo, não existia nada, né? Era plantado numa terra boa, numa terra nova, numa roça nova se dizia. Então, todos os anos tinha uma roça nova pra planta o feijão.

J – Ah fazia uma rotação assim de terra?

DM – É, sim. É. Não, depois plantava vários anos seguido, né? Mas, todos os anos cortava um pedaço pra poder ter mais, né pra... (E1 08/05/15, p. 30)

Janaine Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

Algumas ações humanas como o desmatamento e queimada realizadas pelos imigrantes italianos e posteriormente pelos seus descendentes desde a chegada à região do Vale do Taquari são relevantes analisar devido às transformações ambientais ocasionadas no território. Tais práticas podem ser associadas aos estudos de Pádua (2010) que destaca:

A proposta de comparar regiões, produções naturais, economias e culturas – de constituir um saber geográfico planetário – é fundamental para entender a emergência de uma preocupação com os riscos da ação humana. A própria ideia de colapso, de destruição do futuro, começa a aparecer nesse contexto (Pádua 2010, p. 84).

No Vale do Taquari, a região mais alta localizada na porção norte deste território, oferecia-se o comércio de terras por preços mais baixos. Segundo o relato de uma imigrante italiana do município de Dois Lajeados, na Microrregião Leste, sua família guardou um bom dinheiro e migrou para o Vale do Taquari para “comprar um lugar” para viver e trabalhar com a família (DC1 20/07/2017, p. 2).

Outra característica da região alta do Vale do Taquari, precisamente nos municípios de Ilópolis e Dois Lajeados, ambos localizados na Microrregião Norte e Leste, era o atrativo pelas densas florestas de araucárias (*Araucária angustifolia*), árvores de grande porte conhecidas na região como “Pinheiro Brasileiro” ou “Pinheiro do Paraná”, as quais forneciam madeira de qualidade. Sobre isso Bozzetto (2004, p. 20) destaca que em Ilópolis “o grande objetivo da maioria das famílias que ocuparam as áreas circundantes era obter terras propícias ao desenvolvimento da agricultura e da pecuária, o motivo que levou os imigrantes a se estabelecerem em Ilópolis foi outro, bem diferente: a madeira”.

No município de Dois Lajeados a ocupação das terras deu-se por colonização particular e principalmente pela ocupação de terras onde existiam muitas matas destinadas para o comércio de madeira. Sobre isto temos:

O comércio da madeira foi o forte da região, povoada por serrarias. A erva-mate e o pinhão também constituíram fontes de bom comércio. A fama de terras férteis atraiu famílias de Bento Gonçalves, Veranópolis, Garibaldi e de outros lugares vizinhos, que vieram povoar e cultivar o solo, nas diversas linhas em que a colônia foi dividida, bem como pessoas que desempenhavam profissões diversas como ferreiros, marceneiros, moineiro, etc (Karam 1992, p. 155).

Percebe-se, assim, que a vinda desses imigrantes italianos tinha como interesse a busca pela vegetação existente como a madeira, a erva-mate e o pinhão e, conseqüentemente, sua exploração. Os comerciantes de madeira e terras tinham, definitivamente, objetivos específicos de lucratividade, pois depois de retirar da mata as árvores, vendiam as terras, loteando as superfícies menores.

Outro fator que levou à chegada dos imigrantes italianos foi a abertura de uma estrada até o município de Anta Gorda para a circulação do comércio de madeira e de erva-mate (*Ilex paraguariensis*).

Ambas as espécies tiveram um papel fundamental na economia da região de colonização italiana no Vale do Taquari. Segundo Gerhardt (2014), as condições ambientais do Rio Grande do Sul e do Vale do Taquari estão entre as razões da imigração para o sul do Brasil, oferecidas pela grande biodiversidade. A produção da erva-mate, segundo Gerhardt (2013), está relacionada à relevância econômica para a região, pois os ervais nativos foram preservados e explorados e outros foram derrubados para abrir espaço para a agricultura.

Referente à produção de erva-mate (*Ilex paraguariensis*) encontra-se o relato do descendente de italiano no município de Ilópolis no Vale do Taquari, algumas informações referentes à exploração deste produto. Segundo este, derrubavam-se as grandes áreas de mato para plantar produtos como a erva-mate, pois as terras eram consideradas fracas e com poucos nutrientes. Atualmente a família descendente de italianos deste município produz em média 30 hectares de erva-mate e uma quantidade de 1,500kg por dia, que é destinada para ervateiras da região (DC3 01/09/2017, p. 2-3).

Segundo Dean (1996, p.23) a história florestal - corretamente entendida é uma história de exploração e destruição. O desaparecimento de uma floresta é uma tragédia cujas proporções ultrapassam a compreensão ou concepções humanas. Relacionando a presente pesquisa com o estudo de Dean (1996) observa-se que o contato entre os imigrantes italianos e os elementos do ambiente proporcionou degradações ambientais, principalmente pela grande destruição das florestas. A abundante oferta de espécies madeiráveis já citadas na região de colonização do Vale do Taquari proporcionou aos imigrantes italianos e seus descendentes uma forte exploração e conseqüentemente modificações ambientais pelo comércio da madeira e agricultura.

Como exemplos da região estudada, podem-se apontar outras informações sobre a relação deste grupo étnico com o ambiente nos relatos dos produtores italianos e seus descendentes dos municípios da microrregião norte e leste. O mato era cortado e roçado à vontade por baixo e depois cortavam as árvores mais altas com foice, machado, “picconela”⁴, “cegon”⁵ e uma alavanca de 10kg para derrubar as árvores. Depois amontoavam o que tinham roçado, queimavam e plantavam. As melhores árvores eram aproveitadas para fazer móveis e as tábuas para construções e estaleiros. Os relatos apontam que para deixar a terra pronta para o cultivo, era ateado fogo, o qual queimava por até oito dias. Para plantar utilizavam o saraquá⁶, enxada e tudo era braçal. Além do mais, para fazer as estradas abriam piques e demoraram três meses para abrir uma estrada e descer de carroça (DC2 01/09/2017, p. 3-4; DC3 01/09/2017, p. 2).

⁴ Picconela em italiano é uma espécie de foice.

⁵ Cegon em italiano é o serrote comprido.

⁶ Espécie de cavadeira de madeira, usada no encestamento dos produtos.

Janaine Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

O uso frequente da derrubada e queima das áreas produtivas levou ao esgotamento do solo que baixava as produções e fazia com que os colonos italianos instalassem a rotação de terras. A rotação dos terrenos acontecia quando o solo estava infértil e os colonos necessitam produzir. Então, deixava-se descansar a área explorada por um período de até dois anos e deixava-se crescer a capoeira. Para tanto, era usada a mesma técnica de derrubada-queima em outra área da propriedade. Depois, voltava-se ao primeiro terreno e derrubava-se a capoeira, queimava-se e sob as cinzas depositava-se a semente (Manfroí 2001).

Nos territórios que compreendem a região de colonização italiana, os imigrantes italianos e seus descendentes também realizavam rotação de terras. No município de Progresso, microrregião Oeste, encontra-se sobre a rotação dos terrenos e o crescimento da produção adquirida pela derrubada-queima:

Contribui-se para a questão o relato do descendente italiano do município de Relvado, na microrregião Norte sobre a rotação de terras:

AP – O senhor comentou da outra vez que eu acho aquela outra a rotação de cultura, deixa um tempo descansa a terra, cada tanto tempo tinha que troca, como é que era isso?

N – Fazia as roçada e...

AP – É, aquele dia eu não consegui anota, eu queria te anotado, mas aí tu falava rápido...

N – Um ano, dois, três plantava num lugar, depois deixava vira mato longo, derrubava do outro lado. Porque não se usava adubo, não se usava ureia, nada. Então, deixava a mata cria mato daí ia lá e derrubava de novo. E daí produzia bem de novo. Não se usava em sumo, não se usava nada de... adubo, ureia, tudo plantado a mão. Maquininha: tac, tac, tac...

AP – Mas, aí vocês derrubavam e queimavam?

N – Derrubava e queimava...

AP – Queima por causa que tinha ali esse mato e também por causa que a terra poderia ficar mais fértil (E4 03/05/16, p. 18).

A limpeza das áreas ocorria também para a produção de alimentos como o feijão, uva e “*quanti*” milho. Após a queima, o primeiro produto plantado era o milho, matéria-prima para fazer a polenta, que era “*un buono*” (DC1 20/07/2017, p. 3). A polenta era e continua sendo o prato diário na alimentação das famílias descendentes de italianos na região de colonização italiana, sendo feita na chapa, com leite e a *fortaia*⁹ (DC3 01/09/2017, p. 2; DC1 20/07/2017, p. 2).

No meio dos trilhos da plantação de milho, plantava-se também abóbora para os porcos e demais animais. Além da abóbora, cultivavam-se outros alimentos para o consumo, tais como aipim e batata-doce. O milho ainda servia de alimento para os porcos, chamado de “*sbevaron*”, uma lavagem

⁷ Palavra em italiano: quanti - muito, grande quantidade.

⁸ Um *buono* - muito bom.

⁹ A *fortaia* é uma expressão italiana que significa ovos mexidos ou omelete, com diversos temperos e ingredientes.

Janaine Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

para os animais que misturava milho, abóbora e batata-doce num panelão cozido e serviam para os animais (DC2 01/09/2017, p. 2).

No Vale do Taquari, segundo Barden et al. (2002), durante as décadas de 1920, 1930 e 1940 a produção de uvas era uma atividade secundária. Na década de 1920 a uva atingia 3,20% de toda produção da região. Já no final da década de 1930, a produção de uvas cresceu quase cem por cento com 6,30 %, mas essa condição não foi suficiente para neutralizar a tendência recessiva da lavoura no estado gaúcho, que sofreu com o fim da conjuntura favorável do mercado e com o esgotamento das terras disponíveis para a agricultura.

No município de Travesseiro, na microrregião Oeste do Vale do Taquari, por meio do relato de um interlocutor obtiveram-se algumas informações sobre a produção de uva.

A1 – Chegava lá ele fazia: “Nino, Nino vem vem”, ele me chamava lá no porão aí ele ia nas pipa de vinho (bate na mesa como se fosse na pipa), batia onde tinha vinho dentro, em qual é que tinha vinho dentro. Pegava o copo e pegava a cadeira e sentava lá e me perguntava de tudo o que acontecia aqui em casa, tudo, tudo, tudo. Ele sentava lá e aqui, me dava um copo de vinho.

J – se produzia muito vinho?

A1 – sim, produzia bastante, bastante. Tinha uma cantina lá, tá louco muito vinho! (E2 05/02/16, p. 22).

Na microrregião norte e leste, as famílias descendentes de italianos atualmente continuam com o cultivo de uvas e produção de vinho. A principal espécie de uva é a uva francesa, cultivada há mais de 40 anos pelas famílias (DC1 20/07/2017, p. 2).

Outro aspecto que condiz com a história ambiental da região de colonização italiana no Vale do Taquari pesquisada é sobre a fauna existente. Encontram-se dados sobre a existência de animais como bugios (*Alouatta caraya*) e o macaco preto (*Alouatta caraya*) ainda presentes, e que continuam alimentando-se de milho. Relacionado à fauna, os relatos apontam a existência do gato de matão (*Leopardus tigrinus*), lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), quati (*Nasua*), tamanduá (*Myrmecophaga tridactyla*), capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*), anta (*Tapirus*), lebre (*Lepus*), o graxaim (*Lycalopex gymnocercus*), cobras, tatu (*Dasyproctidae*) e o porco do matão (*Pecari tajacu*). Já os animais que atacavam as produções foram apontados a formiga (*Formicidae*), lagartas (*Spodoptera frugiperda*) e os gafanhotos (*Caelifera*), que “faziam uma limpa em suas roças” (DC1 20/07/2017, p. 3; DC2 01/09/2017, p. 3).

Os dados arrolados aproximam-se do estudo de Crosby (2011) quando afirma que muitos animais chegavam com os imigrantes nas colônias porque os colonos adquiriam para sua produção econômica, já outros não eram “convidados”. Isto é, os animais considerados prejudiciais às lavouras tinham a concepção de serem “invasores”, o que de fato fazem parte do ambiente natural dessas

espécies. Percebe-se que tais questões vêm ao encontro dos relatos dos descendentes de italianos sobre a presença de animais considerados pragas e que utilizavam estratégias para espantá-los tais como a querosene, cinza e água quente e vassoura, mas não obtinham grandes resultados (DC1 20/07/2017, p. 4; DC2 01/09/2017; DC3 01/09/2017, p. 3). Além disso, encontra-se nas obras de Bublitz (2004) e Gerhardt (2013) que as formigas (*Formicidae*) atacavam as lavouras dos imigrantes italianos e seus descendentes na região das antigas colônias e também os ervais, nutrindo-se da erva-mate (*Ilex paraguariensis*).

Em relação às formigas encontram-se na obra de Dean (1996) que este inseto faz parte do ambiente natural na mata Atlântica Brasileira e como exemplo, o gênero *Atta* de formiga é extremamente bem-sucedido e pelo menos cinco espécies habitam a região de Mata Atlântica. Também o autor relata que ocorreram perdas de safras em cultivo devido às formigas cortadeiras serem muito comuns e muitas vezes eram superadas pelas predações de diversos mamíferos – tatus (*Dasylops*), cutias (*Dasyprocta*) e caititus (*Pecari tajacu*) – e por pássaros que se alimentavam de sementes e frutos, entre eles maitacas (*Pionus*), pássaros-pretos (*Molothrus*), periquitos (*Brotogeris tirica*), papagaios (*Amazona*) e oropendolas (*Psarocolius decumanus*). Atualmente, na região de colonização do Vale do Taquari os periquitos (*Brotogeris tirica*) atacam as frutas como, por exemplo, os morangos (DC3 01/09/2017, p. 4).

Os animais despertavam o medo ou a indignação pelos estragos nas lavouras e pela aproximação das casas, mas também serviam de alimentação para os imigrantes italianos e seus descendentes (Trombini 2016). Existiam muitos pássaros e por isso realizavam as caçadas, costume dos antepassados, encontrados nos relatos dos descendentes italianos na região de colonização italiana no Vale do Taquari. Ou seja, alimentavam-se de muitos animais do mato e caçavam muitos pássaros, devido ao fato de pouca presença de carne (DC3 01/09/2017, p. 4).

Portando, estas são informações das relações entre homem e natureza, ou seja, da história ambiental dos italianos e seus descendentes no Vale do Taquari. Neste sentido aproxima-se da perspectiva de autores importantes da história ambiental como Worster (1991), Dean (1996), Pádua (2010) e Crosby (2011), de que as ações antrópicas causadas por um determinado grupo ao ambiente acontecem pela investigação e conseqüentemente resultados das interações dos humanos com indivíduos e natureza. A História Ambiental vem ampliando o conhecimento através da análise dos discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente e as preocupações por meio das mudanças ambientais provocadas pela ação humana direta ou indiretamente.

CONCLUSÕES

O estudo demonstrou que desde a chegada dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul e Vale do Taquari, o “mato” e os demais elementos da natureza, mesmo provocando sentimentos como o medo e o fascínio, foram fundamentais para sobrevivência deste grupo. Há também o fato no decorrer do século XIX e no século XX, mesmo com legislações a exemplo da proibição da derrubada e queima intensa da mata e a caça dos animais, o ambiente sofreu várias alterações ocasionadas pelos imigrantes italianos e seus descendentes. É oportuno salientar que na região alta do Vale do Taquari a situação não foi diferente, considerando que as práticas agropecuárias envolvendo atividades como a produção de milho, feijão e uva, acarretaram expressivos impactos ambientais.

A chegada destes imigrantes no Vale do Taquari provocou modificações no ambiente em decorrência da derrubada da mata, principalmente das araucárias (*Araucária angustifolia*), a produção da erva-mate (*Ilex paraguariensis*) e diminuição de espécies de animais, como quati (*Nasua*), tamanduá (*Myrmecophaga tridactyla*), capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*), anta (*Tapirus*), lebre (*Lepus*) e o graxaim (*Lycalopex gymnocercus*). Sendo assim, as famílias descendentes de italianos pesquisadas e ocupantes dos municípios do Vale do Taquari, desde a instalação no ambiente, estabeleceram relações de maior ou menor impacto com a natureza devido principalmente às migrações internas em busca de novas áreas com melhores condições de exploração, a fim de se tornarem proprietários de novas terras. Impactos estes como desmatamento e as técnicas de queimadas, proporcionando o cultivo de seus primeiros produtos como o milho e o feijão, os quais puderam ser observados em alguns relatos dos interlocutores pesquisados.

A história ambiental, como abordagem de análise, possibilita compreender as relações entre homem e ambiente no que se refere à imigração e colonização italiana no Rio Grande do Sul e no Vale do Taquari. Deste modo, correlaciona-se a presença dos imigrantes italianos e seus descendentes com a grande biodiversidade da mata que se fazia presente no Rio Grande do Sul. Entretanto, este ambiente também representava uma barreira para a ocupação do território, o que proporcionou impactos para efetuar as primeiras plantações.

Os principais produtos agrícolas produzidos foram o milho, o feijão, os parreirais, entre outros. Devido à forma intensa da utilização do solo para as plantações e o contato com outros grupos, como açorianos e alemães, a história ambiental dos imigrantes italianos e seus descendentes passou por transformação devido à introdução da técnica de rotação de terras, deixando o solo descansar de dois a três anos e após plantar novamente. No processo de cultivo das roças no início do século XX, identificamos continuidade de práticas, e a utilização de instrumentos como machado, serrote, foice e

arado, de tal forma como aprenderam com seus antepassados, os quais fizeram parte da História Ambiental das áreas colonizadas por italianos e seus descendentes no Vale do Taquari.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradecimento ao VIII SNCMA - 2017 - Simpósio Nacional de Ciência e Meio Ambiente - PPSTMA/UniEVANGÉLICA e III Escola de Pós-Graduação da SOLCHA pela oportunidade de apresentar e divulgar o trabalho “História ambiental dos imigrantes italianos e seus descendentes na região norte do Vale do Taquari/RS”. Também pelas contribuições e esclarecimentos sobre as dúvidas do evento.

Agradecimento especial ao projeto de pesquisa “Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas: história, movimentações e desdobramentos socioambientais”, ao qual esta pesquisa vincula-se e ao coordenador do projeto e meu orientador, Luís Fernando da Silva Laroque, pela oportunidade de participação e apoio a este estudo desde o tempo de graduação. Ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates onde estamos cursando o doutorado e o apoio financeiro de bolsa do PROSUC/CAPES.

Às famílias dos descendentes de italianos com seu acolhimento, disponibilidade e histórias de vida para contribuir a este estudo. Demais órgãos municipais e associações que estão apoiando esta pesquisa. À todos, meu muito obrigada.

REFERÊNCIAS

- Alberti V 2004. *Onvir contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro, 204 pp.
- Barden J et al. 2002. A Economia do Rio Grande do Sul no Período entre 1920 e 1940: uma análise da região do Vale do Taquari. *Estudo & Debate* 8(2):7-55.
- Battistel AI, Costa R 1983. *Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer*. EST/EDUC, Porto Alegre/Caxias do Sul, 1200 pp.
- Bozzetto JA 2004. *Ilópolis: Origens e raízes*. Grafocem, Lajeado (RS), 144 pp.
- Bublitz J 2004. A Eco -História da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. *Revista Métis* 3(6):179-200.
- Bublitz J 2010. *Forasteiros na floresta subtropical: uma história ambiental da colonização européia no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 203 pp.
- Castoldi AP 2016. *Imigrantes italianos e seus descendentes nas Microrregiões Norte e Leste do Vale do Taquari/RS e suas relações com a História Ambiental*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado, 116 pp.

- Cristófoli IE 2015. *Nova Bréscia: Ontem, hoje e sempre*. Prefeitura Municipal de Nova Bréscia, 124 pp.
- Crosby AW 2011. *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa, 900-1900*. Companhia da Letras, São Paulo, 375 pp.
- De Boni LA, Costa R 1982. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. EST/EDUC, Porto Alegre/Caxias do Sul, 280 pp.
- Dean W 1996. *A Ferro e Fogo. A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. Companhia das Letras, São Paulo, 484 pp.
- Drummond JA 1991. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos* 4(8):177-197.
- Franzina E 2006. *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Editora Unicamp, Campinas, 480 pp.
- Frosi VM, Mioranza C 1975. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de Formação e Evolução de uma Comunidade Ítalo-Brasileira*. Porto Alegre, 83 pp.
- Gerhardt M 2013. *História Ambiental da erva-mate*. Tese de Doutorado,. Universidade Federal de Santa Catarina, pp. 290.
- Gerhardt M 2014. História ambiental, colonização e genealogia. *História: Debates e Tendências* 14(1):124-140.
- Giron LS, Herédia V 2007. *História da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 136 pp.
- Godoy AS 1995. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas* 25(2):57-63.
- Herédia V 2001. A imigração europeia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul. *Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais* (94):11pp. [Acesso em 12 abr de 2016]. Disponível em: <http://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/335>.
- Iotti LH 2001. *Imigração e colonização: legislação de 1747-1915*. Assembléia Legislativa do Estado do RS/EDUCS, Porto Alegre/Caxias do Sul, 864 pp.
- Karam EMC 1992. *Raízes da Colonização: em destaque a Colônia Guaporé e o município de Dois Lajeados*. Corag, Porto Alegre, 252 pp.
- Kreutz MR et al. 2011. *Arroio do Meio: entre rios e povos*. Lajeado, 319 pp.
- Lakatos EM, Marconi MA 1996. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. Atlas, São Paulo, 310 pp.
- Manfroi O 2001. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. EST, Porto Alegre, 218 pp.
- Neves JL 1996. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração* 1(3):.

- Pádua JA 2010. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos avançados* 24(68):81-101
- Pollak M 1992. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos* 2(3):3-15.
- Portelli A 2010. *Ensaio de história oral*. Letra e Voz, São Paulo, 258 pp.
- Trento A 1988. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. Nobel, São Paulo, p.77-98.
- Trombini J 2016. *Imigrantes italianos e seus descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari: história ambiental e práticas culturais*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado, pp.229.
- Trombini J, Kreutz M 2015a. *Mapa da Colonização do Vale do Taquari/RS*. Adaptação a partir de Dutra D, Laroque LF, Eckert R 2012. [Acesso em 14 set de 2015]. Banco de dados CODEVAT disponível em: <http://codevat.com.br/documentos/5/?mapas.html>
- Trombini J, Kreutz M 2015b. *Mapa com a localização das Microrregiões do Vale do Taquari. Adaptação a partir do mapa do acervo do Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari*. Univates, Lajeado.
- Trombini J, Laroque LF, Castoldi AP 2017. As companhias colonizadoras no processo da imigração italiana em territorialidades do Vale do Taquari/Rio Grande do Sul. *Clio: Revista de Pesquisa Histórica* 35(2):178-200.
- Wolf S 2016. *Arqueologia Jê no Alto Forqueta/RS e Guaporé/RS: um novo cenário para um antigo contexto*. Tese de Doutorado, Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado, pp.353.
- Worster D 1991. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos* 4(8):198-215.
- FONTE DE DADOS**
- DC1 (Diário de campo 1) de 20/07/2017. Pesquisa de campo com descendente imigrante de italiano. Linha Alegrete – Dois Lajeados. Projeto de Pesquisa Identidades étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas/RS: história, movimentações e desdobramentos socioambientais. Lajeado. Univates. 20 jul. 2017. 6 pp.
- DC2 (Diário de campo 2) de 01/09/2017. Pesquisa de campo com descendentes de imigrante de italiano. Linha São Francisco – Ilópolis. Projeto de Pesquisa Identidades étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas/RS: história, movimentações e desdobramentos socioambientais. Lajeado. Univates. 01 set. 2017. 4 pp.
- DC3 (Diário de campo 3) de 01/09/2017. Pesquisa de campo com descendente imigrante de italiano. Linha São José – Arvorezinha. Projeto de Pesquisa Identidades étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas/RS: história, movimentações e desdobramentos socioambientais. Lajeado. Univates. 01 set. 2017. 5 pp.
- E1 (Entrevista 1). depoimento [08 mai. 2015, 22 pp.]. Comunidade Bela Vista do Fão, Marques de Souza/RS. Entrevistadores: Equipe do projeto. Lajeado (RS): s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari. Univates, Lajeado.

Janaine Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

E2 (Entrevista 2). depoimento [05 fev. 2016, 20 pp.]. Comunidade Três Saltos Alto, Travesseiro/RS. Entrevistadores: Equipe do projeto. Lajeado (RS): s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida ao Projeto *Identidades Étnicas em Espaços Territoriais da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas* RS: História, Movimentações e Desdobramentos Socioambientais. Univates, Lajeado.

E3 (Entrevista 3). depoimento [30 jul. 2015, 17 pp.]. Comunidade Forqueta/Pouso Novo/RS. Entrevistadores: Equipe do projeto. Lajeado/RS: s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida ao Projeto *Identidades Étnicas em Espaços Territoriais da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas* RS: História, Movimentações e Desdobramentos Socioambientais. Univates, Lajeado.

E4 (Entrevista 4). depoimento [03 mai. 2016, 26 pp.]. Comunidade Três Salto Médio, Travesseiro/RS. Entrevistadores: Equipe do projeto. Lajeado/RS: s.e., 2016. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. Projeto de Pesquisa Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari. Univates, Lajeado.

Italian Immigrants Environmental History and their Descendants in the Italian Colonization Region in Taquari Valley/RS

ABSTRACT

The Italian immigrants who arrived from the last decades of the 19th century in Rio Grande do Sul and the Taquari Valley are from the northern Italy and settled down in the territorial portion between the valleys of Caí and Antas rivers. Taquari Valley is a region composed of 36 municipalities, divided into six microregions and located in the center-east portion of Rio Grande do Sul. This work aims to analyze the environmental history of Italian immigrants and their descendants in the region of Italian colonization in the Valley of the Taquari. The research methodology is qualitative and the methodological procedures consisted of bibliographical review, documental and field research with families of Italian descent. The data collected and analyzed showed that the environmental history of this ethnic group had impacts to the environment through the felling and burning of the forest, species decrease of animals and the rotation of the crops.

Keywords: Environmental History; Italian Descendants; Vale do Taquari.

Submissão: 05/03/2018

Aceite: 02/08/2019